

Os índios vivem numa aldeia situada às margens do Rio Javaés, um dos braços do Araguaia

## Índios do Araguaia caçam jacarés para vender peles e ganhar a vida

**Iha do Bananal, Goiás** — A caça aos jacarés, proibida por lei, para evitar sua extinção, no Parque Nacional do Araguaia continua sendo feita pelos índios javaés, que nada sabem sobre a proibição. Eles vendem a pele do animal a comerciantes inescrupulosos, que a curtem no Pará. Uma custa mais de Cr\$ 150 mil, mas o índio só recebe cerca de Cr\$ 20 mil.

Na aldeia dos javaés, do ramo tupi-guarani, há peles de jacaré secando ao sol. Segundo alguns índios, elas saem da aldeia escondida sob peixes, vendidos em vilarejos próximos. A aldeia dos javaés está situada no Rio Javaés, um dos braços do Rio Araguaia, e se chama Aldeia de Canoanã.

### Até televisão

Os índios justificam a venda de pele de jacaré para comprar alimentos. De cerca de 200 moradias, desta aldeia vivem 408 índios, já com influência cultural do homem branco, uma vez que têm até dois aparelhos de televisão, onde assistem coletivamente a programação apresentada por três canais.

Timari, ou Juarez em português, é professor dos javaés. Ele ensina português para as crianças, que correm pela aldeia, em uma extensão de três quilômetros por dois de largura. A maior parte das crianças tem as pernas pintadas

com uma tinta preta, feita de jenipapo, uma planta que triturada se transforma em corante, inofensivo à saúde.

O próprio Timari pede ao fotógrafo que não faça fotos de determinadas áreas da aldeia e explica que ali se vive basicamente da pesca e que o chefe do posto da Funai na aldeia, o Eliseu, um índio javaé, foi a Brasília, pedir ajuda a Funai para a melhoria das condições da aldeia, que sofreu um violento incêndio em setembro, e perdeu mais de 30 palhoças.

### Rapadura

As marcas do incêndio permanecem ainda na aldeia. Novas palhoças foram erguidas em diferentes locais e Timari destaca que o principal problema dos javaés é a falta de recursos para a compra de máquinas agrícolas.

Manoel, o Marachoa, outro javaé, explicou que "a Funai prometeu que nos daria Cr\$ 10 milhões para comprar máquinas agrícolas. Com Cr\$ 10 milhões não podemos comprar nem um volkswagen", diz ele em um português arrastado.

Na aldeia as famílias indígenas conversam em tupi-guarani, falando português somente com os visitantes. As crianças também sabem as duas línguas. Ao lado da aldeia há plantações de milho, mandioca e cana-de-açúcar. Marachoa contou que plantou cana-de-

açúcar para fazer rapadura, pois "se preciso de açúcar vou ao vilarejo e compro, é mais fácil".

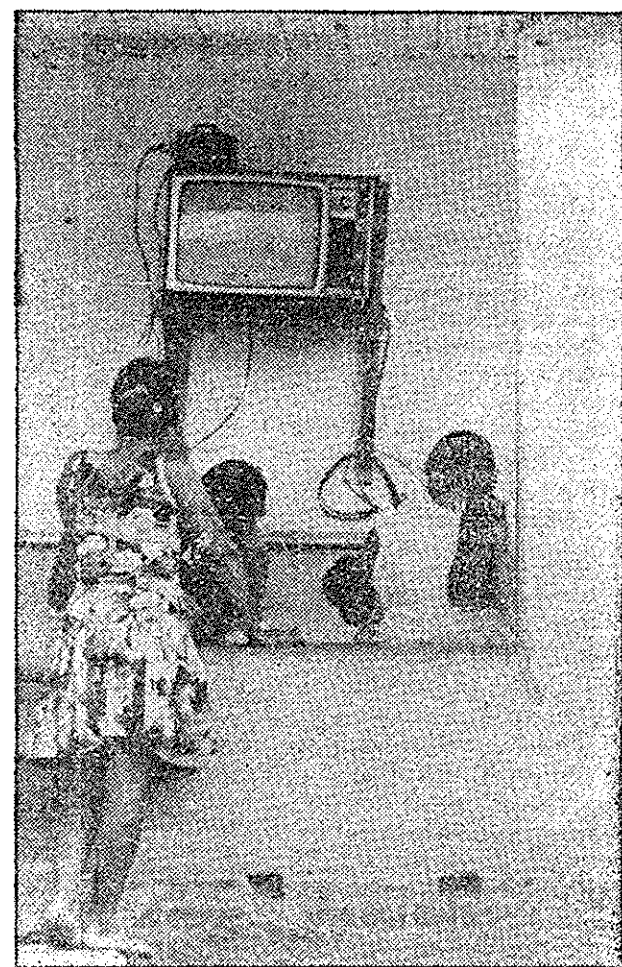
A vida na aldeia depende da venda de pesca e de artesanatos produzidos pelas mulheres javaés. Elas fazem colares, sacolas e bolsas com palha, vendendo a unidade de Cr\$ 3 mil a Cr\$ 5 mil. As mulheres cercam os visitantes na aldeia e oferecem seus artigos.

### Sem cacique

Os javaés estão sem cacique há mais de um ano e segundo timari, "não é preciso ter cacique". O Eliseu, nomeado pela Funai para chefiar o posto local, não é reconhecido como cacique, mas como chefe da Funai.

Perguntado se há pretendentes para o posto de cacique, Timari e Marachoa explicam que não há ninguém e que na aldeia não se discute o assunto. Distantes 800 quilômetros de Brasília e a 130 quilômetros de Gurupi, o município mais próximo, os javaés utilizam muito o transporte fluvial, sobre as águas do rio Araguaia com suas canoas de madeira.

— É preciso dar mais atenção para a gente. Não podemos ficar abandonados — explicou Marachoa, o Manoel, que vive da agricultura e da pesca, como os demais javaés.



A televisão já chegou à aldeia dos javaés, que vivem da pesca e também cultivam

## COLÉGIO DA CIDADE

Agora em Ipanema está funcionando o mais moderno centro de ensino experimental, o Colégio de Aplicação da Faculdade da Cidade. Matricule o seu filho para participar de um bom projeto educacional a preço de custo. Primeiro e Segundo Graus. Rua Almt. Saddock de Sá, 318 - Tel.: 521-1894 - Ipanema.